

A DISSONANTE REPRESENTAÇÃO PICTÓRICA DE ESCRITORAS NEGRAS NO BRASIL: O CASO DE MARIA FIRMINA DOS REIS (1825-1917)

Rafael Balseiro Zin¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo desenvolver uma reflexão crítica acerca da representação pictórica de escritoras negras no Brasil contemporâneo, que, comumente, são retratadas de forma estigmatizada, caricaturada e, por vezes, a partir de imagens que não reproduzem, necessariamente, sua correta identificação. Para tanto, a pesquisa toma como referência o caso da romancista maranhense Maria Firmina dos Reis, cuja fisionomia, mesmo sendo desconhecida dos autos da história e da historiografia literária nacionais, continua sendo veiculada de modo errôneo e distorcido, em ambientes físicos e virtuais. Ao realizar uma leitura sincrônica e de imersão das principais imagens que são utilizadas para se referir à escritora, o que se pretende é despertar a atenção da comunidade acadêmica e do conjunto da sociedade para os impactos negativos que esse tipo de abordagem racializada gera, tanto na representação social das mulheres negras no país quanto na constituição simbólica da população afro-brasileira, como um todo.

Palavras-chave: Escritoras negras no Brasil. Representação pictórica. Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

This paper aims to develop a critical reflection about the pictorial representation of black female writers in contemporary Brazil, which commonly are portrayed so stigmatized, caricatured and, sometimes, from images that do not necessarily reproduce their correct identification. To this end, the research takes as reference the case of Maranhão's novelist Maria Firmina dos Reis, whose face, even if it is unknown from the record of history and the national literary historiography, and is still conveyed erroneous and distorted, in physical and virtual environments. To perform a synchronous and immersed reading of the main images that are used to refer to the writer, the aim is to arouse the attention of the

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp). Nos anos de 2014 e 2015, participou, como pesquisador convidado, do Grupo de Estudos sobre a Perspectiva de Gênero na Produção e Gestão Cultural, promovido e organizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP. Contato: rafaelbz@hotmai.com.

academic community and the rest of society for the negative impacts that this sort of racial based approach generates, both the social representation of black women in the country as symbolic of the Afro-Brazilian population constitution as a whole.

Keywords: Black female writers in Brazil. Pictorial representation. Maria Firmina dos Reis.

INTRODUÇÃO

A representação hegemônica da mulher negra enquanto personagem da literatura brasileira, como é sabido, historicamente e na maior parte das vezes, foi fruto do processo de criação de escritores brancos pertencentes às classes médias e às elites condutoras da vida política, econômica e intelectual do país. Estereótipos típicos como os da “mulata sensual e fogosa” e o da “negra abnegada, submissa e dedicada incondicionalmente ao trabalho”, por exemplo, permearam e ainda permeiam o imaginário da nossa gente, revelando, assim, as marcas profundas de uma sociedade que foi estruturada com base no racismo, no sexismo e no patriarcalismo, e que reforça, cotidianamente, através de sua produção literária e das demais concepções artísticas e midiáticas, os lugares sociais destinados ao conjunto da população negra e feminina. A representação pictórica de escritoras negras no Brasil, no entanto, pode ser considerada como um fenômeno bastante recente, haja vista as dificuldades que essas mulheres enfrentaram ao longo do tempo para galgar algum espaço no panteão da literatura nacional.

Ainda que, desde meados do século XIX, a presença e a atuação de autoras afrodescendentes seja incontestável, como é o caso da maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e da potiguar Auta de Souza (1876-1901)², para nos lembrarmos das mais recorrentes nesse período, a fabricação do esquecimento que incidiu sobre a memória das nossas escritoras fez com que a representação de suas semblantes ficasse de fora da historiografia literária nacional ou, quando raramente acontecia, a forma com que se dava era, comumente, distorcida. Dos excessos no carregamento do traço utilizado para reforçar, de modo pejorativo, suas linhas expressivas à constante utilização de imagens embranquecidas, muitas foram as estratégias adotadas pelas elites para ferir o caráter simbólico das escritoras

2 Vale observar que o resgate dessas autoras e de suas respectivas obras foi empreendido, de forma sistemática, somente no último quartel do século XX, por pesquisadoras brasileiras que se debruçaram sobre o tema com dedicação e afinco, como Norma Telles (1987, 1989, 1997 e 2012), Luiza Lobo (1993 e 2006) e Zahidé Muzart (1999, 2004 e 2009).

negras no país³ e para desqualificar sua produção. O mais constrangedor, além de inaceitável, é que tal atitude se perpetua até hoje⁴.

Levando em consideração esses breves apontamentos, o presente estudo tem por objetivo desenvolver uma reflexão crítica acerca da maneira como as escritoras negras são representadas no Brasil contemporâneo, tomando como referência o caso de Maria Firmina dos Reis, cuja fisionomia, mesmo sendo desconhecida dos autos da história e da historiografia literária nacionais, continua sendo veiculada de modo errôneo e distorcido, tanto em ambientes físicos quanto virtuais. A escolha dessa autora como referência para esta pesquisa se deu, justamente, pelo fato de ela ser considerada a pioneira da chamada *literatura afro-brasileira*⁵, com a publicação de seu romance *Úrsula*, de 1859, o primeiro de autoria negra e feminina do país⁶ e o primeiro de cunho abolicionista. Ao realizar uma leitura sincrônica e de imersão das principais imagens que são utilizadas para retratar a maranhense, o que se pretende é despertar a atenção da comunidade acadêmica e do conjunto da sociedade para os impactos

3 Tais condutas, inclusive, contribuíram para que se estabelecesse no mercado editorial brasileiro um permanente bloqueio com relação à publicação de obras literárias de autores negros, que, sem poder contar com essa possibilidade, acabam veiculando seus escritos com recursos próprios ou através de pequenas editoras, às vezes independentes, o que denuncia, novamente, o preconceito e a discriminação racial que ainda contaminam a sociedade brasileira, de forma geral.

4 A despeito disso, fato é que as escritoras negras contemporâneas encontraram novas possibilidades de resistência e de inserção no meio literário fazendo uso de sua autorrepresentação, seja na construção do enredo e de suas personagens, seja na forma como veiculam sua imagem e a publicação de suas obras. Dentre elas, destacam-se Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Elisa Lucinda, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, Livia Natália, além de outras, que surgem e que se estabelecem a cada dia.

5 Luiza Lobo (1993, p. 222) afirma que um dos aspectos primordiais que caracteriza essa vertente literária é o fato dela ter surgido no momento em que o negro passa de objeto a sujeito da criação, deixando de ser tema para autores brancos e registrando a sua própria visão de mundo. Eduardo de Assis Duarte (2014, p. 41), por sua vez, esclarece que a literatura afro-brasileira é “um conceito em construção, processo e devir. Além de segmento e linhagem, é componente de amplo encadeamento discursivo. Ao mesmo tempo, dentro e fora da literatura brasileira. Constitui-se a partir de textos que apresentam temas, autores, linguagens, mas, sobretudo, um ponto de vista culturalmente identificado à afrodescendência, com fim e começo”.

6 Os marcos que caracterizam o pioneirismo e a originalidade das escritoras brasileiras permeiam um campo em permanente disputa e que ainda não dispõe de uma solução definitiva. Todavia, a título de esclarecimento, de acordo com Luiza Lobo (2006, p. 193-196), devemos excluir como primeira romancista brasileira a gaúcha Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, uma vez que *O ramallete; ou flores escolhidas no jardim*, publicado em 1845, é um livro de conto e de poesia. Já a catarinense Luísa de Azevedo Castro, seria autora de uma novela, *Dona Narcisa de Villar*, publicada em 1859, ainda que seu livro seja classificado como romance por outros pesquisadores, como Marisa Lajolo (2004, p. 55). A inclusão do nome de Teresa Margarida da Silva e Orta (ou Horta) na historiografia literária brasileira, autora de *As aventuras de Diófanos*, de 1752, para Luiza Lobo, é o fato mais inaceitável, visto que, apesar de ter nascido em São Paulo, a escritora era filha de portugueses e partiu do Brasil com a família, aos cinco anos de idade, sem jamais ter voltado. Finalmente, no caso da potiguar Nísia Floresta, não se pode considerar como um romance a tradução de um ensaio, alguns artigos de jornal ou seus dois livros, classificados pela crítica como literatura de viagem.

negativos que esse tipo de abordagem racializada gera, seja na representação social das mulheres negras, em particular, seja na constituição simbólica da população afro-brasileira, em sua totalidade.

Para se alcançar os objetivos pretendidos, os seguintes procedimentos foram empregados: i) realizar o levantamento de imagens que são utilizadas para representar Maria Firmina dos Reis em livros, cartazes de exposições e capas de revistas, além daquelas que são disponibilizadas em sítios eletrônicos que contêm material de divulgação sobre sua vida e obra; ii) separar as representações imagéticas mais substanciais e analisar, em profundidade, a partir da imagem e somente pela imagem, a forma como elas foram produzidas, o contexto em que foram suscitadas e os possíveis impactos positivos ou negativos que elas podem causar; e, finalmente, iii) após realizar a leitura sincrônica e de imersão das imagens sugeridas, buscou-se emergir o conteúdo sociológico próprio contido nessas representações, sintetizando a discussão apresentada com a pesquisa bibliográfica durante todo o percurso. Hoje, porém, considerando os avanços e as conquistas obtidos pelos movimentos de resistência presentes nos ambientes acadêmico e de luta social, é preciso levar em consideração que, para se realizar uma pesquisa como esta, é condição indispensável que o investigador tenha consciência do lugar social e subjetivo em que atua, observa, fala e escreve. De tal modo, sendo eu um homem branco, paulistano e nascido no Brasil do final do século XX, logo, é deste lugar que eu falo.

FRAGMENTOS DE UMA VIDA

Nascida em 11 de outubro de 1825, na ilha de São Luís, capital da então província do Maranhão, Maria Firmina dos Reis foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Menina negra e bastarda, vivendo sob condições de segregação racial e social latentes, aos cinco anos, teve que se mudar para a vila de São José de Guimarães, ligada ao antigo município de Viamão, localizado no continente e separado da capital pela baía de São Marcos (LOBO, 2006, p. 193; DUARTE, 2009, p. 263). Por lá, cresceu em companhia da avó, da mãe e de suas duas únicas amigas, a prima Balduína e a irmã Amália Augusta dos Reis. Distanciada das efemérides políticas típicas de uma capital do Império, a acolhida que teve na casa da tia materna, melhor situada economicamente, foi fundamental para a sua primeira formação (MOTT, 1988), além do apoio que teve de um primo, também por parte de mãe, o jornalista, escritor e gramático Francisco Sotero dos Reis, “a quem deve sua cultura, como afirma em diversos poemas” (LOBO, 1993, p. 224). Já adulta, em 1847, aos vinte e dois anos, Firmina é aprovada em um concurso público para a *Cadeira de Instrução Primária* em Guimarães, que já atingira a condição de

município, tornando-se, assim, a primeira professora efetiva a integrar os quadros do magistério maranhense, função que ocuparia até o início de 1881, ano em que se aposenta e em que funda, aos cinquenta e cinco anos, no vilarejo de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do estado, dessa vez, dedicando-se aos filhos de lavradores e de donos de terras da região (MORAIS FILHO, 1975). É, portanto, algo pouco factível para as condições da época e que evidencia o fato de ter sido ela uma mulher consciente do papel de transformação que poderia desempenhar naquela sociedade.

Do ponto de vista da produção intelectual, Maria Firmina dos Reis não deixa a desejar. A primeira obra sua de que se tem notícia, *Úrsula*, foi publicada, em 1859, na cidade de São Luís, pela Tipografia do Progresso. Sob o heterônimo “*Uma Maranhense...*”, a autora aborda a questão do cativeiro a partir do entendimento do negro, perspectiva essa que nortearia outros trabalhos (DUARTE, 2005). É interessante observar que, num momento em que as mulheres viviam submetidas a um sem-número de limitações e de preconceitos, a ausência do nome, somada à indicação da autoria feminina, aliam-se ao tratamento “absolutamente inovador dado ao tema da escravidão no contexto do patriarcado brasileiro” (DUARTE, 2009, p. 265). No ano seguinte à publicação de seu romance inaugural, Firmina passa a colaborar em jornais locais com textos poéticos, divulgando, n’*A Imprensa*, um primeiro poema utilizando, ainda sob o manto protetor, as iniciais M.F.R. Em 1861, participa da antologia poética *Parnaso Maranhense*, e o jornal *O Jardim das Maranhenses* dá início à publicação de seu segundo trabalho, o conto *Gupeva*, de temática indianista e que fora veiculado em forma de folhetim, prática recorrente no período (HALLEWELL, 1985). Tendo em vista a boa aceitação da obra, em 1863, o jornal *Porto Livre* republica *Gupeva*. Em 1865, a autora brinda o seu público leitor, em momentos diversos, com o lançamento de novos poemas e, uma vez mais, *Gupeva* é reimpresso, agora pelo jornal *Eco da Juventude*, contendo ligeiras modificações de estilo, mas sem alterar seu conteúdo. Suas publicações chamam a atenção de leitores e repercutem nos meios intelectuais, o que nos leva a crer que a autora já era reconhecida, admirada e apreciada por seus escritos e pela ousadia de pensar e realizar coisas, considerando o contexto, não muito comuns a uma mulher negra e de poucos recursos, vivendo distante dos perímetros da Corte: a publicação de um romance inaugural em formato de livro; três publicações de uma mesma obra em periódicos distintos; além da veiculação de diversos outros textos, em curto espaço de tempo e em diferentes canais.

Rompendo com as barreiras do patriarcado e manifestando o exemplo de sabedoria e determinação, Maria Firmina dos Reis continua fértil em sua produção literária, trazendo a lume, em 1871, os poemas de *Cantos à beira-mar*, publicados pela Tipografia do País, também em São Luís. Anos

mais tarde, em 1887, num período em que a instituição da escravidão passava de “mal necessário” a um “problema que exigia solução” (CHALHOUB, 2012), no auge das campanhas abolicionista e republicana, a escritora lança n^a *Revista Maranhense*, nº 3, além de novos poemas, o conto *A escrava*. Vale dizer que esse texto é mais um ato intelectual de consciência social de Firmina contra o estigma dos negros no Brasil, do que um manifesto contra a servidão, propriamente, ainda que se perceba um forte viés político contido nas entrelinhas. Para completar sua trajetória, além de ter contribuído de maneira significativa na imprensa maranhense com ficções, crônicas e até enigmas e charadas⁷, a autora atuou como folclorista⁸, na recolha e na preservação de textos da literatura oral; e como compositora, sendo responsável, ao mesmo tempo, pela elaboração, com letra e música, do *Hino da libertação dos escravos*, de 1888 (MORAIS FILHO, 1975; DUARTE, 2009), além de ter contribuído com a criação de algumas canções de caráter folclórico para folguedos populares, como a pastoral e o bumba meu boi.

De modo sucinto, essa breve cronografia serve para mostrar que Maria Firmina dos Reis teve participação relevante como cidadã e intelectual no Império, “ao longo dos noventa e dois anos de uma vida dedicada a ler, escrever e ensinar” (DUARTE, 2009, p. 264). No Maranhão de seu tempo, ainda que tenha vivido como uma mulher negra e livre em meio a uma ordem social, política e econômica escravagista (FRANCO, 1969), foi considerada pelos seus pares como um exemplo de erudição. Sua popularidade deve ter sido tão grande em Guimarães, que, até hoje naquela cidade, “a uma mulher inteligente e instruída chamam-na Maria Firmina” (MOTT, 1988, p. 62). Acontece, contudo, que os anos se passaram e, mesmo tendo ocupado um lugar proeminente no cenário cultural maranhense oitocentista, tomando com as mãos a aspiração de, através do magistério e da literatura, contribuir para a construção de um país mais justo e sem opressão, a escritora ficou esquecida por muitos anos, provavelmente, por conta de um possível silenciamento ideológico vindo das elites condutoras

7 De acordo com Zahidé Muzart (1999, p. 264), Maria Firmina dos Reis colaborou assiduamente com vários jornais literários, além dos já mencionados, como *Verdadeira Marmota*, *Semanário Maranhense*, *O Domingo*, *O País*, *Pacotilha*, *Federalista* e outros, publicando seus enigmas e charadas, um passatempo bastante apreciado pelos leitores desses periódicos.

8 Criada por Mário de Andrade em 1936, enquanto atuava como diretor do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, a *Sociedade de Etnografia e Folclore* foi uma entidade que, de acordo com seus estatutos, tinha por objetivo “promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos”, tendo, como membros-fundadores, pesquisadores das primeiras turmas de cientistas sociais dos cursos universitários paulistas. Em 1938, Mário de Andrade reuniu uma equipe de entusiastas com o intuito de catalogar as músicas tradicionais do Norte e Nordeste brasileiros e instituiu a *Missão de Pesquisas Folclóricas*, que tinha como objetivo declarado, como consta na ata da sua fundação, “conquistar e divulgar a todo país, a cultura brasileira” (CAVALCANTI, 2004). Note-se que, antes de Mário de Andrade, Maria Firmina já trazia consigo essa preocupação.

da vida intelectual brasileira. Faleceu, em 11 de novembro de 1917, cega, pobre e sem nenhuma honraria, na casa de uma amiga que vivera como escrava e em companhia de Leude Guimarães, um de seus filhos de criação. O resultado disso é que “uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (DUARTE, 2009, p. 265).

De maneira um tanto peculiar, os escritos de Maria Firmina vêm à tona outra vez. O romance *Úrsula*, em sua versão original, foi “descoberto”, em 1962, em um sebo na cidade do Rio de Janeiro, pelo historiador e bibliófilo paraibano Horácio de Almeida (MUZART, 1999), que, ao garimpar a identidade do heterônimo “*Uma Maranhense...*” no *Dicionário por Estados da Federação*, de Otávio Torres, além de realizar consultas em outras referências, conseguiu identificar a procedência da autora (LOBO, 1993, p. 224). Tendo compreendido a importância histórica e literária da obra, depois de ter preparado, em 1975, uma edição fac-similar do texto, Almeida doou seu achado a Nunes Freire, governador do Maranhão na época. Desde então, foram publicadas mais duas edições do livro, nos anos de 1988, idealizada pela Editora Presença, de Luiza Lobo, em parceria com o Instituto Nacional do Livro, por ocasião do centenário da abolição da escravatura; e de 2004, em decorrência de um projeto de reedição das obras literárias de escritoras do século XIX, que, inclusive, deu origem à Editora Mulheres⁹, criada pelas pesquisadoras Zahidé Muzart, Susana Funck e Elvira Sponholz. Em 2009, finalmente, essa mesma editora, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, publicou uma reimpressão de *Úrsula* em comemoração aos cento e cinquenta anos de sua primeira edição, que vem acompanhada de um belíssimo posfácio elaborado por Eduardo de Assis Duarte: *Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira*.

No prólogo à sua edição de 1975, porém, Horácio de Almeida salienta a ausência de registros sobre a escritora nos estudos dedicados à produção literária maranhense. Possivelmente, por ter sido redescoberta tardiamente, Firmina ficou esquecida, também, entre os principais estudiosos da literatura brasileira. Sílvio Romero (1943 [1888]), José Veríssimo (1981 [1916]), Ronald de Carvalho (1920), Nelson Werneck Sodré (1985 [1938]), Afrânio Coutinho (1986 [1959]), Antonio Candido (2000 [1959]) e Alfredo Bosi (1970), por exemplo, ignoram-na completamente. E mesmo um intelectual afrodescendente como Oswaldo de Camargo (1987), em sua coletânea *O negro escrito*, de suma importância para o resgate de escritores

9 Entre coletâneas de artigos, ensaios, trabalhos acadêmicos e algumas traduções, todos relacionados à mulher e/ou ao feminismo, o catálogo da Editora Mulheres conta, hoje, com cerca de noventa livros, que contribuem significativamente com os pesquisadores de todo o país que se interessam pelo tema e para a preservação e divulgação da literatura nacional, ao resgatar da invisibilidade as autoras excluídas ou silenciadas ao longo da história.

afro-brasileiros, não faz referência alguma a ela¹⁰. Dentre outros expoentes da historiografia literária nacional, muitos fizeram o mesmo, à exceção de Sacramento Blake¹¹ (1970 [1883-1902]), que foi contemporâneo da autora; Raimundo de Menezes (1978 [1969]), que soube da existência de Úrsula logo após seu ressurgimento e que acabou incluindo um verbete sobre a escritora na segunda edição de seu *Dicionário Literário Brasileiro*; e Wilson Martins (2010 [1979]), que, no terceiro volume de sua monumental *História da Inteligência Brasileira*, apenas cita seu nome.

Os demais documentos de e sobre Maria Firmina dos Reis foram resgatados, a partir de 1973, pelo professor, poeta e jornalista maranhense José Nascimento Morais Filho, que realizou uma intensa pesquisa nos jornais locais do século XIX e início do XX alocados nos porões da Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís (LOBO, 1993, p. 225; CARVALHO, 2006, p. 62-3), e que entrevistou, entre outras personalidades, dois filhos de criação da escritora, Leude Guimarães e Nhazinha Goulart. É dele, inclusive, o primeiro esboço de uma biografia da maranhense, intitulada *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*, obra de difícil acesso e que foi publicada em 1975, mesmo ano em que veio a público a edição facsimilar de Horácio de Almeida e o artigo *A primeira romancista do Brasil*, de Josué Montello, também conterrâneo da autora, no *Jornal do Brasil*. O livro de Morais Filho reúne charadas, enigmas e poemas divulgados na imprensa, além dos contos *Gupeva* e *A escrava*. Entretanto, o achado de maior importância, até mesmo como contribuição para a história de nossa literatura, é aquele que deve ser, provavelmente, o primeiro diário íntimo escrito por uma mulher já publicado no Brasil: o *Álbum*, de Maria Firmina dos Reis (LOBO, 1993, p. 225). Somado a isso, o prefácio de Charles Martin (1988) à terceira edição de Úrsula; as reflexões de Luiza Lobo (1993; 2006; e 2011) disponibilizadas em livros e periódicos especializados; o estudo assinado por Zahidé Muzart (1999) sobre as escritoras brasileiras oitocentistas; os apontamentos de Eduardo de Assis Duarte (2009 e 2011) e de Norma Telles (2012) acerca da romancista, além de alguns verbetes que podem ser consultados em dicionários ou enciclopédias

10 Em 2015, durante a realização do curso intitulado *O negro escrito*, ministrado por Oswaldo de Camargo na cidade de São Paulo e que foi oferecido pela Ciclo Contínuo Editorial, editora independente voltada para a difusão e valorização das artes e das literaturas negras e periféricas, tive a oportunidade de indagar o escritor sobre as razões que o levaram a não incluir Maria Firmina dos Reis em sua coletânea. De modo sucinto, fui informado por ele que o único motivo da ausência foi o total desconhecimento da existência da autora na época em que o livro foi escrito, o que, segundo Camargo, poderá ser revisto, caso ele consiga publicar uma segunda edição da obra.

11 Estimulado por D. Pedro II e Rui Barbosa, Sacramento Blake escreveu seu famoso *Dicionário bibliográfico brasileiro*, que traz, em sete volumes, a biografia de centenas de personalidades da época. O volume foi publicado no Rio de Janeiro pela Tipografia Nacional, entre 1883 e 1902, e, anos mais tarde, pela Imprensa Nacional, tendo sido reimpresso em 1970, nessa mesma cidade, pelo Conselho Federal de Cultura.

literárias voltados a essa temática (SABINO, 1996 [1899]; SCHUMACHER e VITAL BRAZIL, 2000 e 2007; e LOPES, 2007), completam os trabalhos mais relevantes sobre a escritora maranhense, evidenciando, assim, a escassa recepção crítica obtida por ela, em pouco mais de um século.

DISTORCENDO REPRESENTAÇÕES

Apesar de sua importante produção literária e dos aspectos políticos e sociais únicos contidos em sua trajetória, Maria Firmina dos Reis, infelizmente, não deixou para a posteridade quaisquer registros fotográficos ou mesmo alguma pintura ou desenho que pudessem identificá-la. Até hoje, tudo o que se sabe a respeito de suas feições vem de seu “retrato falado”, que foi registrado por Nascimento Morais Filho em seu livro, após colher os depoimentos de Nhazinha Goulart, filha de criação da escritora, e de Eurídice Barbosa, que foi sua aluna na escola mista de Maçaricó:

Traços físicos – Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato-falado dos que a conheceram ao andar pelas casas dos 85 anos. Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros, nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos, meã (1,58, pouco mais ou menos), morena (MORAIS FILHO, 1975, s/p).

Mesmo havendo essa descrição, por conta da ausência de imagens que consigam determinar, de fato, a real aparência da maranhense, é bastante comum nos depararmos com representações das mais diversas e que acabam sendo atribuídas a ela, mas que não condizem necessariamente com a realidade. O caso mais emblemático, sem dúvida, além de ser o mais recorrente, é a ilustração do busto da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann, que assinava seus textos com o pseudônimo *Délia* (figura 1). Feita em bico de pena e de autoria desconhecida, essa imagem foi publicada pela Editora Mulheres, na página 193 do livro *Mulheres Ilustres do Brazil*, de Ignez Sabino (1899), em edição fac-símile de 1996. De cor branca e sendo neta de Guilherme Bormann, um alemão da cidade de Hanôver, Maria Benedita Bormann, até onde se pode supor, era bastante diferente de Maria Firmina, que era negra. Embora tenham sido contemporâneas, a escritora gaúcha nasceu em 25 de novembro de 1853, na cidade de Porto Alegre, e faleceu em 15 de maio de 1896, na cidade do Rio de Janeiro.



O problema é que essa imagem, inadvertidamente, se espraizou pelas redes sociais e em demais ambientes e acabou ganhando a confiança do público, fazendo com que a reparação do equívoco seja um tanto difícil de ser realizada. A origem do mal-entendido não é certa. Mas esse fenômeno se evidencia, inclusive, em outra representação recente, que é o quadro contendo a pintura do que se imaginou ser o rosto de Maria Firmina dos Reis (figuras 2 e 3). Afixado na galeria da Câmara Municipal de Guimarães durante as comemorações do aniversário de 253 anos da cidade, ocorrido em 19 de janeiro de 2011, essa obra foi encomendada ao artista plástico pernambucano Rogério Martins e, depois, doada ao poder legislativo do município pelo escritor Antônio Noberto, que é membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e que esteve presente na solenidade. O quadro, no entanto, foi nitidamente baseado no retrato da escritora gaúcha Maria Benedita Bormann e, nele, como agravante, a representação da suposta Firmina aparece com o tom de pele ainda mais embranquecido.



A ilustração de Maria Benedita Bormann, por fim, serviu como referência para a composição do desenho feito a lápis para representar o rosto de Maria Firmina dos Reis na mostra *Mulher em Destaque* (figura 4), que ficou em exibição entre os dias 10 e 28 de março de 2014 no Convento das Mercês, em São Luís. Promovida pela Fundação da Memória Republicana Brasileira, a exposição contou com diversos painéis que continham retratos e textos que descreviam a trajetória de vida de treze maranhenses ilustres e que contribuíram para a construção de uma sociedade mais justa e sem opressão, entre os séculos XIX e XX. A proposta da mostra, obviamente, é de suma importância, uma vez que se preocupou em divulgar e afirmar os feitos das mulheres ali apresentadas. Contudo, ao veicular a imagem da romancista com base na representação de Maria Benedita Bormann, ela acabou colaborando para perpetuar o erro.



Além dessas ilustrações, outra referência comumente utilizada para representar Maria Firmina dos Reis é o busto que foi instalado na Praça do Panteon, ao lado de outros dezessete torsos de intelectuais maranhenses, em frente à Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís, no ano de 1975 (figura 5). A escultura foi feita pelo artesão Flory Gama, conterrâneo da escritora, com base nas informações prestadas a Nascimento Moraes Filho por Nhazinha Goulart e Eurídice Barbosa. Posteriormente, as dezoito personalidades foram transferidas de seu local de origem para os jardins do Museu Histórico e Artístico do Maranhão, também em São Luís, onde se encontram até hoje. O problema é que, apesar do busto de Firmina ter sido feito a partir de seu retrato falado, ele traz a imagem de uma mulher aparentemente branca. E mesmo que não seja possível identificar com maior precisão o tom de pele auferido, a impressão que fica é essa.



Tomando como referência a escultura de Flory Gama, a Academia Ludovicense de Letras, por sua vez, em comemoração ao seu primeiro ano de atividades, ocorrido em 10 de agosto de 2014, divulgou uma imagem em formato de selo para homenagear os 190 anos de nascimento da escritora (figura 6), celebrados em 11 de outubro de 2015. Esta ilustração integrou o projeto *Cento e noventa poemas para Maria Firmina dos Reis* e retrata a maranhense de modo mais presumível, com o tom de pele escurecido e a expressão facial um pouco mais séria, ao mesmo tempo em que aparenta estar serena.

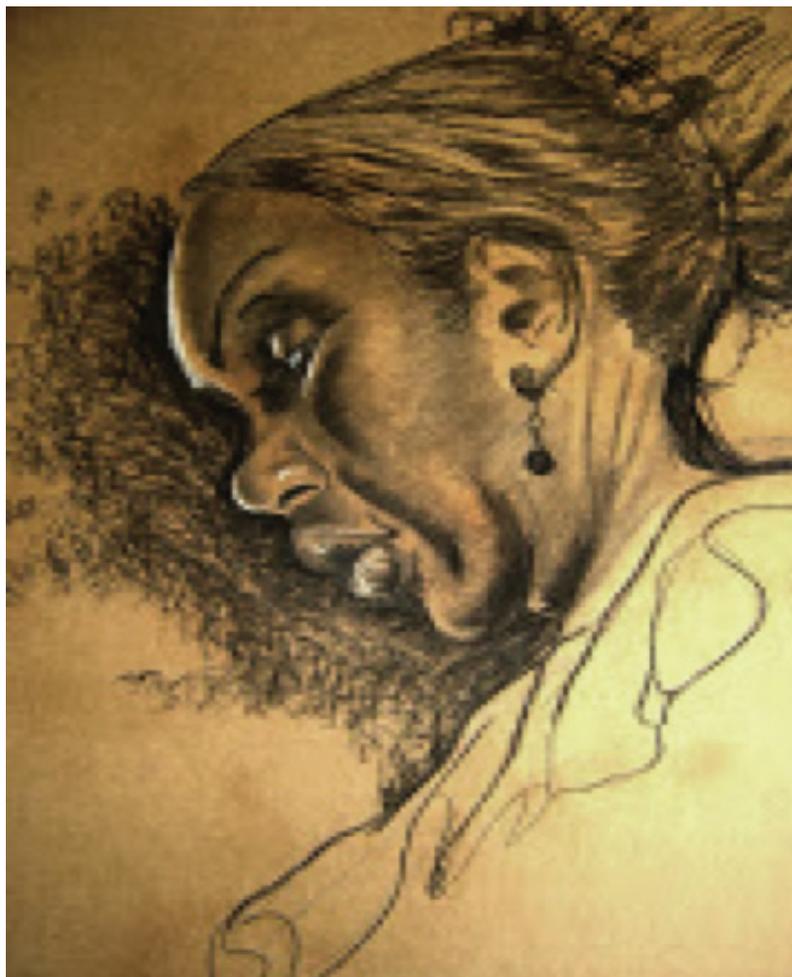


Quarenta anos antes da concepção desse selo, porém, em 11 de outubro de 1975, destaca-se o carimbo feito em homenagem ao sesquicentenário de nascimento da romancista (figura 7), lançado, solenemente, na cidade de São Luís, no jardim do Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Trata-se de uma marca filatélica elaborada pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com tempo determinado de utilização e que se destina a difundir o trabalho de relevantes personalidades e instituições, bem como assinalar um dado acontecimento, destacando, comumente, o motivo, a legenda, a data e o local de sua emissão. O detalhe da parte inferior, que representa um grilhão de ferro sendo rompido, é marca significativa da luta abolicionista empreendida por Maria Firmina dos Reis através de sua literatura. A imagem de perfil criada para ilustrar a maranhense, no entanto, pouco tem a ver com a descrição obtida por Nascimento Moraes Filho.



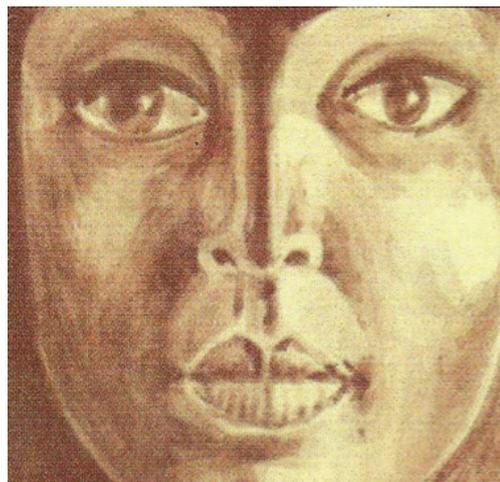
Sítios eletrônicos que tratam da questão racial no Brasil, além de outros que veiculam conteúdos sobre literatura nacional e estrangeira, por conseguinte, na tentativa de caracterizar Maria Firmina dos Reis em artigos e matérias publicados recentemente, acabaram contribuindo para a difusão de imagens distorcidas acerca da escritora. O primeiro deles é o portal do *Geledés – Instituto da Mulher Negra*, uma organização política mantida por militantes feministas afro-brasileiras, criada em 1988, e que tem por objetivo combater o racismo e o sexismo estruturais presentes na sociedade brasileira, bem como valorizar e promover a identidade e a cultura da população negra, de modo mais ampliado. Em um breve ensaio divulgado em 18 de julho de 2015¹² para comemorar os 190 anos de nascimento da maranhense, o portal exibiu duas ilustrações pouco confiáveis. A primeira, já comentada, é a imagem feita em bico de pena para representar a escritora gaúcha Maria Benedita Bormann. A segunda é a seguinte (figura 8):

12 Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/>>. Acessado em: 5 abr. 2016.

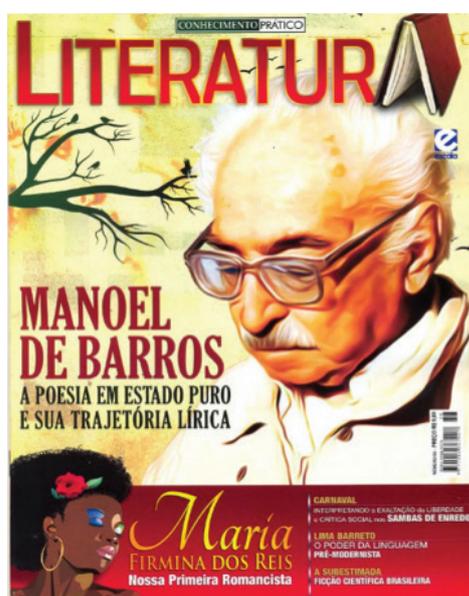


Sua autoria é desconhecida, mas se percebe a utilização de traços carregados, que reforçam as linhas expressivas da mulher negra em questão e que acabam conferindo à Firmina um aspecto físico demasiado caricatural. Essa imagem, inclusive, acabou sendo reproduzida em outro importante ambiente virtual, que trata de assuntos relacionados à literatura, o *Templo Cultural Delfos*, um projeto idealizado e mantido pelas pesquisadoras Elfi Kürten Fenske e Gabriela Fenske. Na página que reúne as informações sobre a vida e obra da maranhense¹³, entretanto, além dessa ilustração, o portal apresenta uma nova caracterização do que seria o rosto da escritora (Figura 9), dessa vez, por meio de uma composição mais abstrata, também sem autoria identificada, e que reforça, novamente, seu aspecto físico de modo distorcido.

13 Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/>>. Acessado em: 5 abr. 2016.



Dentre todas as representações que foram utilizadas ou mesmo criadas para atribuir alguma feição à Maria Firmina dos Reis, finalmente, o caso mais inquietante, além de ser o mais conflitante, é a imagem impressa no canto inferior esquerdo da capa da revista *Conhecimento Prático – Literatura* (Figura 10), publicada pela editora Escala, em janeiro de 2015, em sua edição de número 58.



Evidentemente, para uma escritora que viveu toda sua juventude em pleno século XIX, além dos excessivos exageros observados, essa ilustração apresenta uma série de incongruências e de anacronismos, como é o caso do cabelo *black power*, um tipo de penteado que ainda não era utilizado

no Brasil nesse período¹⁴; o uso excessivo de maquiagem nos lábios e na região dos olhos, impregnada de cores fortes e tonalidades vibrantes; o aplique em formato de rosa vermelha, empregado para adornar os cabelos; além de um enorme brinco dourado em formato de argola, que, se somados, em nada condizem com a simplicidade esperada de Maria Firmina dos Reis. Não obstante, fica nítida a tentativa de sexualização da imagem da escritora, uma artimanha recorrente utilizada pelo mercado ao retratar meninas e mulheres dos mais diversos contextos sociais. Quando se trata de representar mulheres negras, porém, esse tipo de abordagem é ainda mais preocupante, uma vez que elas precisam lidar cotidianamente com os estereótipos raciais que hipersexualizam seus corpos não somente por seu gênero, mas, também, por seu tom de pele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira sucinta, a intenção deste artigo foi desenvolver uma reflexão crítica acerca da representação pictórica mais recente de escritoras negras no Brasil, tomando como referência o caso de Maria Firmina dos Reis, cuja fisionomia, mesmo sendo desconhecida da história e da historiografia literária nacionais, acabou sendo veiculada, como pôde ser observado, de modo errôneo e distorcido, tanto em ambientes físicos quanto virtuais. Ao realizar a leitura das principais imagens que são utilizadas para se referir à romancista, logo, o que se percebe é que elas acabam contribuindo para a perpetuação de determinados equívocos, que mais confundem do que elucidam um possível entendimento de como ela teria sido. Mesmo considerando que, na maior parte das vezes, essas criações

14 A trajetória do *black power* (“poder negro”, em português), movimento que dá nome ao penteado, tem início nos anos 1920, na Jamaica, quando Marcus Garvey, tido como o precursor do ativismo negro naquele país, começou a disseminar ideias que visavam romper com os padrões de beleza eurocêntricos e, com isso, promover o encontro dos afrodescendentes jamaicanos com suas raízes africanas. Algumas décadas depois, nos anos 1960, já nos Estados Unidos, o penteado começou a ganhar espaço e se tornou um dos principais símbolos da luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos. As mulheres, no entanto, foram as grandes protagonistas dessa história. Condiionadas desde o tempo da escravidão a alisar o cabelo, elas decidiram andar pelas ruas ao natural, o que causou espanto e resistência da comunidade branca. Dentre as lideranças do período, destaca-se a figura de Angela Davis, que foi militante do Partido Comunista e, também, do movimento Panteras Negras. No Brasil, na década de 1970, o estilo passou a ser incorporado, inicialmente, por artistas negros como Toni Tornado e Tim Maia, que haviam morado algum tempo nos Estados Unidos. Apesar disso, por aqui, a questão estética foi mais forte do que a própria mensagem política, fazendo com que o *black power* se transformasse em “símbolo de modernidade”, tendo sido utilizado por artistas brancos em destaque na época, como Jô Soares, Marcos Paulo e os cantores Roberto e Erasmo Carlos. Aos poucos, o penteado foi caindo em desuso e os alisamentos voltaram a dominar o cenário, gerando sofrimento para muitas mulheres com cabelos crespos naturais, que acabavam se submetendo a tratamentos agressivos dos mais variados tipos. Atualmente, porém, novos movimentos, como o coletivo *Manifesto Crespo*, encabeçado principalmente por mulheres negras, têm retomado o uso de tranças e demais penteados afro para valorizar e recriar sua identidade cultural.

tenham sido feitas no sentido de prestar homenagens à maranhense, fato é que elas não dão conta de retratá-la em realidade, revelando, assim, marcas da discriminação racial e de gênero ainda presentes em nossa sociedade e que causam impactos negativos na representação social das mulheres negras no país e na constituição simbólica da população afro-brasileira, como um todo.

REFERÊNCIAS

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Cultura, 1970.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.
- CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito*. Apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C., 1920.
- CARVALHO, Claunísio Amorim. Imagens do negro na literatura brasileira do século XIX: uma análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. In: *Ciências Humanas em Revista*, São Luís, v. 4, n. 2, dezembro 2006, p. 53-69.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura popular e sensibilidade romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 54, 2004, p. 57-79.
- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- DUARTE, Constância Lima. Gênero e etnia no nascente romance brasileiro: *Úrsula*. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, maio/ago., 2005, p. 443-444.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula (romance); A escrava (conto)**. Florianópolis: Ed. Mulheres/Belo Horizonte: PUC Minas, 2009, p. 263-279.
- _____. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica (vol 1: Precursores)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1969.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1985.
- LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva,

2004.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

_____. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

_____. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (vol 1: Precursores). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 111-126.

LOPES, Nei. *Dicionário literário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

MARTIN, Charles. Uma rara visão de liberdade. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença/Brasília: INL, 1988.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. Volume III (1855-1877). 3. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia* (Vol. 1). Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1943.

SABINO, Ignez. *Mulheres illustres do Brasil*. Edição fac-similar. Florianópolis: Editora Mulheres, 1996.

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Mulheres negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e tradição literária no Brasil, século XIX*. 1987. 531 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

_____. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. In: *Revista de História*, São Paulo, n. 120, jan/jul., 1989, p.73-83,

_____. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 401-442.

_____. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil do século XIX*. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília, 1981.